

CEDI - P. I. B.
DATA 20, 08, 86
COD. YA/D48

TERRITÓRIO FEDERAL DE RORAIMA
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA
DEPARTAMENTO DE ASSUNTOS CULTURAIS
DIVISÃO DE ETNOGRAFIA E FOLCLORE

RELATÓRIO DA VIAGEM AO AJARANI, 14/12/1984 - 6/1/1985.

Loretta Emiri,
janeiro de 1985

Bele, quando a solteira
deu a palavra, levou
fome no meio da viagem
e curava também
deu a palavra de um
viagem.
Loretta

Í N D I C E

Introdução.....	Página	2
Mapa da área de Ajarani e localização das malocas.....	"	3
Recenseamentos.....	"	4
Língua.....	"	7
Histórico e situação atual.....	"	9
Experiência da coleta de cultura material	"	12

INTRODUÇÃO

Às 7 hs. do dia 14 de dezembro de 1984, o motorista senhor Florival batia à minha porta.

Carregamos mercadoria e alimentos, destinados ao Posto Indígena "Ajarani I", que a noite antes servidores da FUNAI tinham vindos deixar na minha casa.

Fomos buscar a colega Arinalda que quis me acompanhar até destino. Entramos na BR 174 até deixá-la à nossa esquerda, pouco antes de Caracarái, para entrar na BR 210, Perimetral Norte.

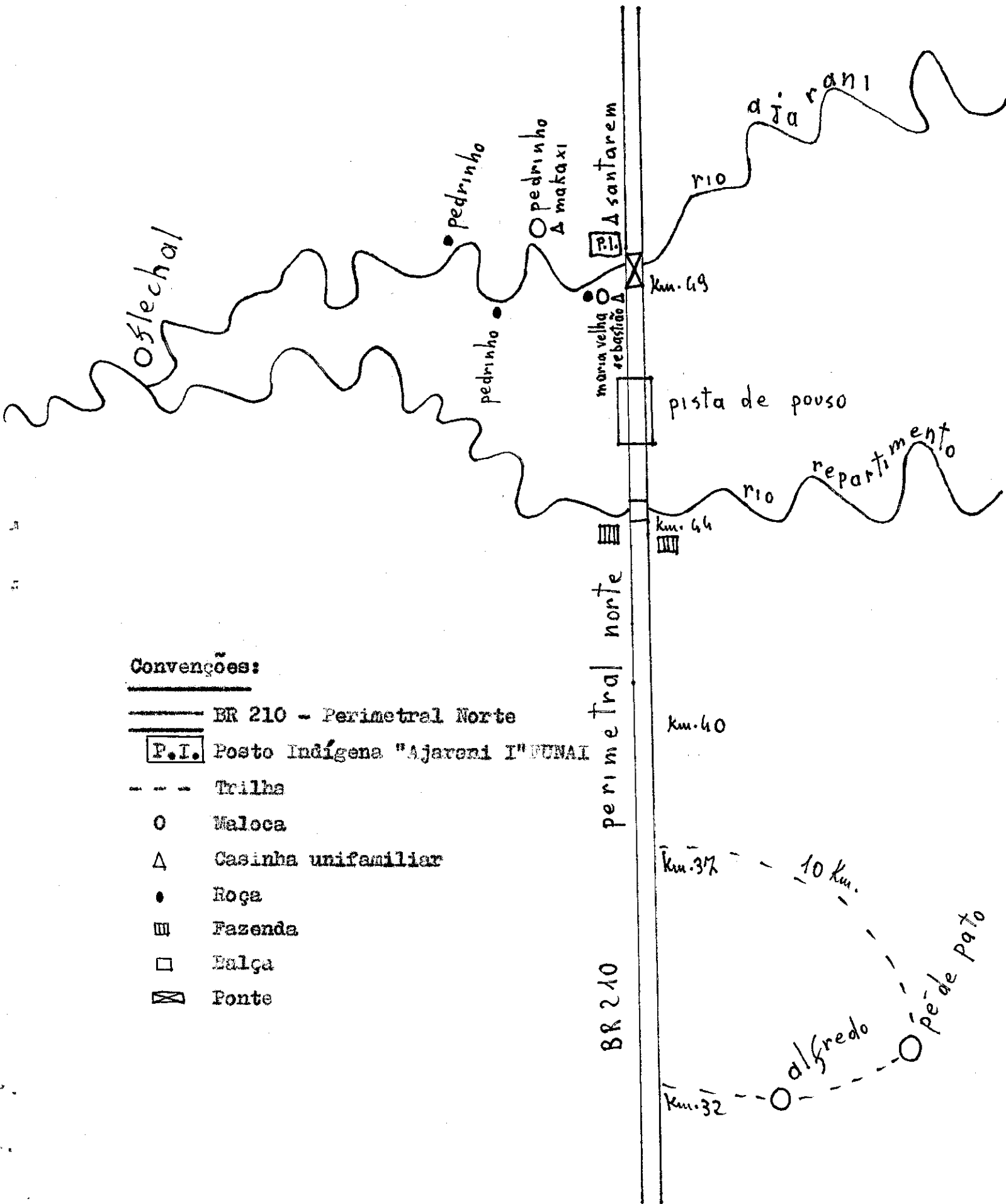
Às 11 hs. chegamos no rio Repartimento. Com uma certa preocupação vi que o pessoal da FUNAI não estava nos esperando para nos ajudar na travessia do rio, de balça, porque, como soubemos depois, não tinham comunicado o horário de nossa chegada.

Por nossa sorte, o senhor Florival não teve receio de entrar na água para recuperar a balça no outro lado do rio e, sem problemas, efetuou a travessia.

Às 12 hs. alcançamos o Posto Indígena "Ajarani I" da FUNAI e, umas horas depois, o senhor Florival e a colega Arinalda aí me deixavam, regressando para Boa Vista.

Finalidade da viagem foi de encaminhar a coleta dos objetos da cultura material yanomami, que complementarão o acervo do MIRR - Museu Integrado de Roraima.

**MAPA DA ÁREA DO AJARANI
E LOCALIZAÇÃO DAS MALOCAS**



Convenções:

- BR 210 - Perimetral Norte
- P.I. Posto Indígena "Ajarani I" BUNAI
- - - Trilha
- Maloca
- △ Casinha unifamiliar
- Roça
- ▣ Fazenda
- Balça
- ⊗ Ponte

RECENSEAMENTOS

1) Recenseamento Padre Saffirio João, março de 1980.

Maloca Yawari	n.	24
Makasi	"	8
Pedrinho (Kotersi)	"	6
Maria Velha (Toki)	"	14
Pé de Pato (Unaxi)	"	10
Alfredo (Pira)	"	9
Sítio de Casimiro	"	10
Total.....n.		81

2) Recenseamento FUNAI, novembro de 1984.

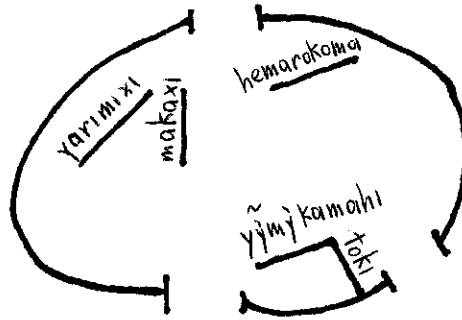
Maloca da Maria Velha (incluindo Santarem e mulher e os dois rapazes que moram no P.I.)	n.	27
Maloca do Pedrinho	"	13
Maloca do Alfredo (incluindo Chagas, mulher e filha que moram na casa do senhor Baixinho, na BR 174)	"	12
Maloca do Flechal	"	13
Maloca de Pé de Pato	"	7
Total.....n.		72

3) Recenseamento das malocas da Maria Velha e do Pedrinho, janeiro de 1985.

Explicações:

- as datas de nascimento foram fornecidas pela FUNAI,
- h significa homem,
- m significa mulher,
- o traço ——— significa marido
- o traço - - - significa mulher

- Maloca da Maria Velha



Data de nascimento

1917 h Yimkamahi (Vovô)

1915 m Toki (Maria Velha)

1948 h Hemarokoma (Antônio)

1913 h Yarimixi (Bestão)

h Makaxi (Makaxi memo, Makaxipio)

1967 h Naxaema (Paulo)

1952 h Yurimai (Mineiro)

1963 h Mamokixi (Orlando)

h Reanxi

1976 h Honi (Roni)

1944 h Naro (Sebastião)

(Naro e família moram numa casinha unifamiliar encostada à maloca)

1949 m Atiabi

1973 h Araxihe

1977 h Xixeri

1978 m Makakita (Margarita)

1981 m Neko

1982 h sem nome

1961 h Poxe (Porikê, Santarem)

(Poxe e mulher moram numa casinha unifamiliar encostada ao F.I.)

m Horanshe (Lídia)

Data de
nascimento

h Wakari (Wakari e Mariaxi moram no P.I.)
1962 h Mariaxi

- Maloca do Pedrinho

1946 h Xithaima (Pedrinho)

1951 m Aka (Tereza)

1977 m Koxi

1978 h Kohepè

1983 h sem nome

1970 m Mahukè Xererema

1943 h Makaxi (Makasi) (Makaxi e mulher moram numa casinha

1974 m Xiyapè unifamiliar encostada à maloca)

1955 h Apixi

1926 m Hererema (Ararana)

1956 h Arakopuwi

1963 m Irohe (Maria)

1978 m Moxikoki (Ivete)

1983 h Pokomi (Xiai, Antônio)

Encontrei aqui dois visitantes que vinham do Mucajai: um homem e sua mulher, muito mais velha do que ele.

L Í N G U A

Achei que a língua falada no Ajarani é muito diferente daquela falada no Catrimani, especialmente quanto à intonação; assim que, embora muitas palavras sejam iguais, não dava para eu entendê-las, reconhecê-las.

Os Yawari porém entendiam o dialeto do Catrimani que eu usava. No fim da estadia percebi que nesta área são falados dialetos diferentes que, talvez, poderiam ser classificados em:

- dialeto dos remanescentes dos Yawari do médio rio Ajarani;
- dialeto dos remanescentes dos Maithauxutheri do alto rio Ajarani;
- dialeto dos procedentes dos Opikètheri;
- dialeto dos procedentes dos Xirixana do rio Mucajai.

No quadro a seguir, reuni alguns dos termos colhidos de diferentes informantes, assim que poderiam proceder de dialetos diferentes, comparando-os com os termos usados no Catrimani.

<u>AJARANI</u>	<u>CATRIMANI</u>
mayòpè ahu	mayèpè ahu
paaru hekè	paari hekè
yãpi hexikè	yãpi hesikè
makaxi	makasi
kuxixi	kuxisi
yamaaki	yãmaakè
yamaasikè	yãmaasikè
yamaasi, ou yamaaxi	yãmaasi
Yuruka pihi	yuri pihi
yuruka	yuri
pahó	paxo
kurutha u/ukè/upè	koratha u/ukè/upè
kororipè (jabutim com manchas vermel.)	wakotoxipè
kororipè (jabutim com manchas amarelas)	totoripè

AJARANI

tori
 hapoka
 kuriti
 apoxikè, ou xinarihikè
 ware na
 yaropè thary
 pawè hena, ou paa hena
 oari
 thèpè
 naxi kôhi hesi
 herehasi, ou orukykèko
 hikihi
 haraka
 haraka kykè
 raasasihi pihi
 apoxi
 xaraka a
 nukiere
 harasisi hena

CATRIMANI

tori
 hapoka
 kuriti
 rakamo thokè
 ware na
 yaropè thary
 paa hena
 hawari
 thèpè
 naxikohi hesi
 marakaxi
 huutihi
 rahaka
 rahaka kykè
 raasasihi pihi
 xinaru
 xaraka a
 itote
 okorasisiikè kotho

HISTÓRICO E SITUAÇÃO ATUAL

Em 1974 a BR 210, Perimetral Norte, corta o sul do território yanomami.

As equipes de desmatamento, contratadas sem qualquer controle de saúde, penetram maciçamente na região, trazendo as primeiras gripes e o sarampo, mortais para os Yanomami.

Na região do igarapé Repartimento e rios Ajarani e Pacu, o contato com os trabalhadores da estrada causa a morte de inúmeros indígenas, reduzindo treze aldeias a oito pequenos grupos de famílias que vivem maltrapilhos e dispersos, à margem da estrada (Terra Indígena Yanomami, FUNAI, documentos, 1984).

As beiras da BR 210 estão lotizadas até a altura do rio Repartimento.

As duas serrarias, que se instalaram na área na época da construção da estrada, foram desativadas e atualmente estão funcionando como fazendas.

Aos sábados o Caminhão da Feira chega até o rio Repartimento e os índios vão para Caracará para comercializar produtos quais: milho, bananas, caça. Voltam o dia seguinte com a mesma condução.

A descaracterização cultural e dependência dos brancos destes grupos é macroscópica e total.

Em seguida eis umas alterações culturais que registrei:

- estão usando roupa, mas é tão vagabunda, velha e suja que todos eles se apresentam como verdadeiros mendigos;
- estão usando sacolas, malas, mochilas e bolsas no lugar de paneiros e jamaxim;
- estão construindo colares e braçletes usando os tubinhos dos soros, em substituição dos originais colares de sementes ou batatinhas e dos coloridos braçletes de couro e penas de aves;
- estão usando redes comerciais. As mulheres mais novas não plantam e não fiam mais o algodão;

- estão usando panos velhos para exprimir a massa de mandioca, no lugar dos tipitís tradicionais;
- estão construindo casinhas unifamiliares a duas águas, em substituição das malocas comunitárias, redondas;
- estão usando pregos e martelos para construir suas casas, no lugar de usar só cipós e enviras, como antigamente;
- estão usando alimentos alheios quais: açúcar e macaráo, e farinha no lugar do beiju;
- estão fumando cigarros que eles mesmos preparam com tabaco moído comercial, sendo que o tabaco é plantado e usado na maneira tradicional, colocado entre os lábios, só pelos mais velhos;
- estão usando bebidas fermentadas como o caxiri, que eram desconhecidas na cultura yanomami e, naturalmente, a cachaça, que chegou com a estrada;
- estão construindo brinquedos usando latas e tampas de latas velhas; chegaram a reproduzir uma mesa de bilhar, com taco e bolas de madeira;
- a causa da estrada são obrigados a usar chinelos;
- das poucas peças de artesanato que ainda possuem, fazem parte tipitís e cuias makuxi, que conseguem através dos braçais makuxi que trabalham nas fazendas;
- muitos objetos da cultura material já desapareceram por completo, como, entre outros: a cestaria; os enfeites de penas, plumas e couros; os estojos das pontas das flechas, que são simplesmente enroladas em folhas; a tanga; o barbante;
- os jovens e rapazes fazem questão de se expressar em português, mas ninguém, na prática, o domina;
- os meninos das malocas da Maria Velha e do Pedrinho estão chamando habitualmente de "mamãe".

Para completar o quadro assustador da situação do contato, o trecho da BR 210 até o rio Ajarani está sendo usado pelos garimpeiros para alcançar ou regressar da área yanomami do Apiaú, onde estão funcionando vários garimpos ilegais, embora a área foi interdita com portaria GM n. 025 de 9/3/82, do Ministro Andreazza.

Nos dias de minha estadia no Ajarani quatro garimpeiros passaram de volta para Caracará e Boa Vista.

Um deles relatou que deve ter na área de 1.000 a 2.000 pessoas. Policiais de Caracará, acompanhados pelo chefe de posto da FUNAI, por um yanomami e por um garimpeiro, tentaram achar um garimpeiro que foi abandonado doente no mato, mas a operação não teve sucesso.

Devido ao contato maciço, indiscriminado e contínuo com todas estas frentes de contato, os Yawari são constantemente atingidos por epidemias de gripe e malária aguda e resistente às curas.

Entre eles estão se registrando óbitos quais:

- uma menina de quatro anos morreu de tuberculose em outubro de 1982. A mãe dela também era tuberculosa;
- Thothó, 18 anos, que estava embriagado, morreu por suposta congestão intestinal em dezembro de 1983;
- o filho de Poxe, de pouco mais de um ano, morreu de malária em dezembro de 1984.

EXPERIÊNCIA DA COLETA DA CULTURA MATERIAL

Quando fui escolher no MIRR a mercadoria que tereis usado para trocar com os índios, procurei objetos que fossem de boa qualidade e que respondessem a reais exigências.

Não levei, por exemplo, perfume, bom-bom, bom-bril ou coloridas vasilhas de plástico, que podem sim fascinar e "comprar" os índios, mas que certamente criam inúmeras dependências.

Logo nos primeiros dias consegui tudo o que de válido e interessante tinha nas duas malocas da Maria Velha e do Pedrinho, pois os índios estavam precisando das panelas, facas e linhas que eu levei. A primeira fase da experiência constituiu-se assim, para estes grupinhos, em uma fonte econômica alternativa.

As perguntas que eu fazia para conhecer o nome yanomami, o material usado, o processo de fabricação, a utilidade, etc., no começo despertaram o riso dos meus amigos Yawari, passando eu apenas por uma "curiosa".

No decorrer dos dias esta metodicidade os levou a perceber que seus objetos, suas criações, estavam sendo apreciadas e valorizadas. Podemos dizer então que uma coleta da cultura material pode ser um expressivo meio de valorização da cultura mesma.

Em umas situações, tendo a matéria prima a disposição, cutuquei os Yawari a produzir objetos que, entre eles, não estão mais sendo usados, como por exemplo o machadinho-brinquedo, cordas de curauá, enfeites.

Manifestaram verdadeira alegria e satisfação vendo o interesse meu por estes objetos aos quais eles não davam mais importância e não estão usando mais.

Uma coleta da cultura material pode levar então à revitalização ou recuperação de uns usos e costumes abandonados.

Nas várias fases da experiência procurei motivar e informar os indígenas.

Falei do MIRR, de suas finalidades, do interesse dos brancos em conhecer sua vida e cultura.

Tentei despertar nos Yawari a consciência de que sua vida e cultura em nada é inferior àquela dos brancos, mas que é apenas "diferente". Uma coleta da cultura material pode ser finalizada então para o reforço ou a afirmação da identidade étnica.

Loretta Emiri

(Loretta Emiri)